

A evolução do mapa mundi avícola

Por Osler Desouza

(Extrato da conferência "Como as negociações internacionais afetarão a avicultura da América Latina", apresentada na Facta pelo autor, em 8.5.2004)



A velocidade das transformações do mundo virtual em que vivemos torna ultrapassada qualquer teoria de pensamento aplicada a mercados e a gestão de negócios, inclusive esta que acabo de enunciar. Não há mais verdades eternas, a não ser a de que somente sobreviveremos como gestores ou empreendedores se aprendermos a aprender permanentemente.

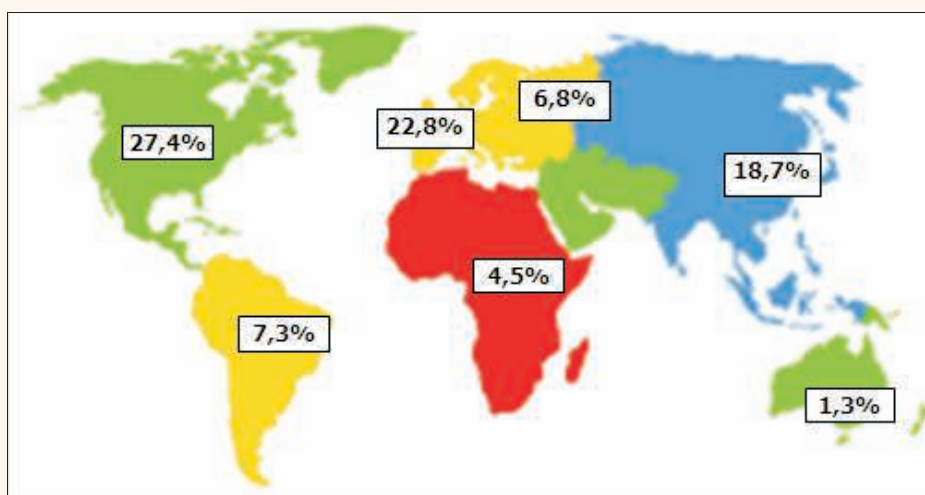
Tudo que aprendemos e aprenderemos será útil na meta da sobrevivência, que é diretamente proporcional à capacidade de nos adaptarmos a novas situações e às mudanças bruscas que mudam valores que julgávamos, se não eternos, sólidos e consagrados.

Um dos temas maiores em avicultura era a inevitabilidade da ALCA e como isso afetaria o futuro do mapa avícola mundial. Veio então a influenza aviária na Ásia para mudar ainda mais o cenário futuro do mundo avícola.

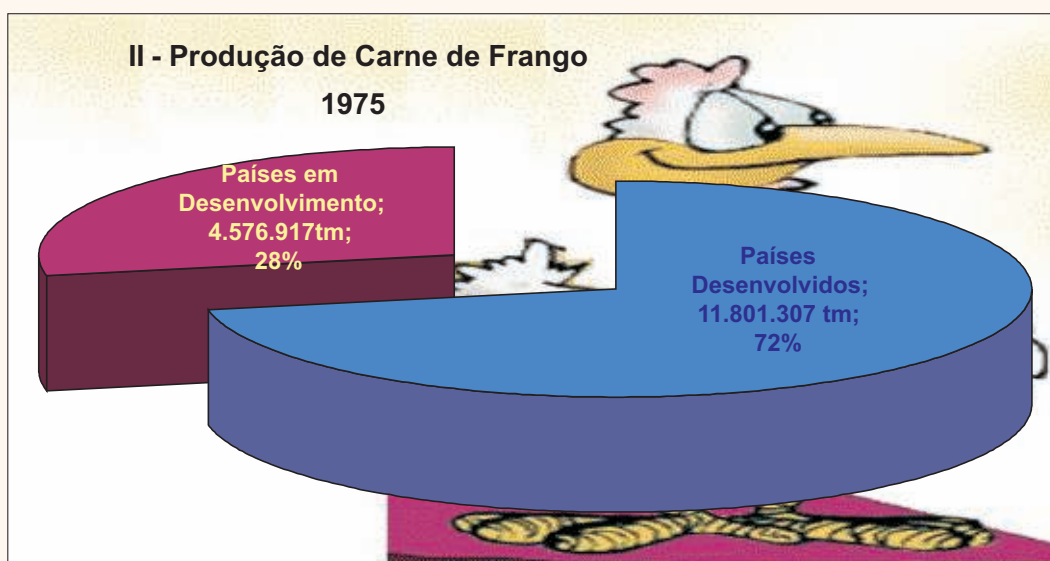
O episódio asiático é surpreendente? Sim, pelas suas proporções, velocidade de infestação, distribuição geográfica e severidade, que foram classificadas pela FAO como sendo "sem precedentes". Entretanto, para os fins deste estudo, o aspecto relevante é que acelerará um processo de transformação na geografia mundial de produção e comércio de aves, processo este que examinaremos com um pequeno passeio pela evolução desta geografia desde os primórdios da avicultura industrial, que traçaria como marco os anos 70.

A geografia do frango em 1970 era assim:

I - Mapa da Produção Mundial de Carne de Frango em 1975



Em 1970, o Senhor Frango vivia majoritariamente no Hemisfério Norte que concentrava mais de 75% da produção mundial de carne de frango. Frangos nos anos 70 era uma indústria dos países mais desenvolvidos, conforme podemos apreciar no gráfico abaixo, montado a partir de dados relativos ao ano de 1975, da FAOSTAT.



Ao longo dos anos essa geopolítica sofreu profundas transformações a favor dos países em desenvolvimento. Em meados da década de 90, as nações em desenvolvimento passaram a liderar a produção de carne de aves no mundo. Vários fatores contribuíram para essa migração da produção da carne do frango e a título ilustrativo cito alguns desses:

- aparecimento de pólos produtores avícolas de alta competitividade, sofisticação e tecnicização, principalmente no Brasil, Tailândia e China. A abertura do mercado japonês a partir de 1985 e a progressiva internacionalização da produção avícola japonesa contribuíram de forma muito marcada a esse processo nos dois países asiáticos, mas também aportou uma contribuição valiosa ao setor no Brasil;

- ação e pressões internacionais anti-subsídios do mundo pós Uruguai Round;

- mudanças de valores do consumidor nos países desenvolvidos, sobretudo na CEE, tais como: o menor interesse das novas gerações pelo trabalho no campo; o meio ambiente como prioridade do consumidor e pressões organizadas de grupos ambientalistas; o consumidor com maiores preocupações sobre sua saúde e exigindo produção natural (sem hormônios, sem antibióticos, 100% alimentação vegetal, etc) a partir dos incidentes da BSE na Europa, determinando maiores custos aos produtores; o segurança alimentar e bem-estar animal como novos valores;

- desinteresse econômico pela atividade de produção de carne de frango, cujo valor médio transacionado no mundo não excede USD 1.300/tm. Em avicultura raramente se perde dinheiro antes da venda da carne do frango, na primeira etapa da cadeia de distribuição, ou depois desta primeira etapa. Por que então nela insistir se o dinheiro está em distribuir produtos, em micro e macro insumos para a produção, equipamentos, genética, etc?;

- direcionamento das terras a fins mais “nobres”;

- desinteresse das novas gerações pelo trabalho no campo, gerando um problema de sucessão na atividade das granjas.

O avanço das nações em desenvolvimento ao longo desse período pode ser apreciado nos gráficos abaixo, onde foram incluídas as projeções de 2010, 2015 e 2030, elaboradas pela FAO. Tal permitirá que se tenha uma visão de que o processo de modificação da ubiuação da produção de carne de aves a favor das nações em desenvolvimento não é incidente localizado circunstancialmente no tempo, mas um processo de prevalência das condições naturais versus subsídios, que se prolongará no futuro e que se acelerará na proporção direta da redução de ditos subsídios.

A tabela abaixo quantifica essa evolução em uma série abrangendo os dados 1975, 85, 95 e 03, e as projeções para 2010, 2015 e 2030.

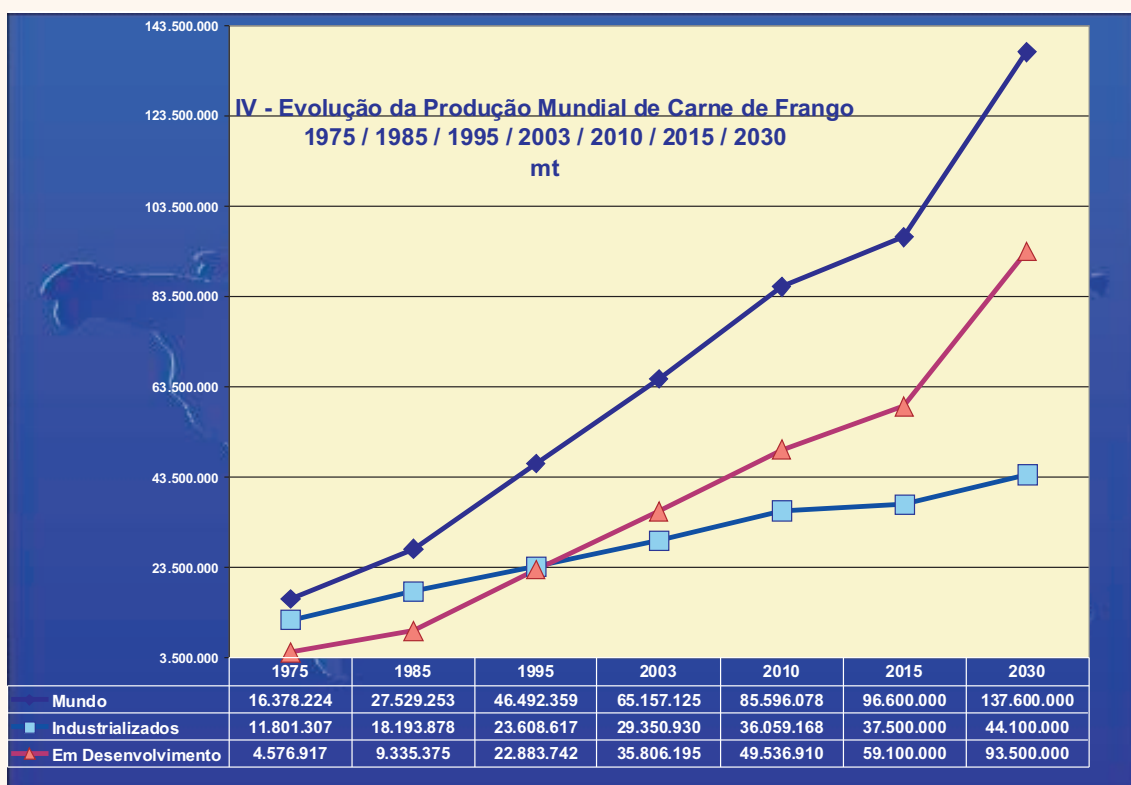
III Participação na Produção Mundial de Carne de Aves por Categoria de Países

	Produção de Carne de Aves - tm						
	1975	1985	1995	2003	2010	2015	2030
Mundo	16.378.224	27.529.253	46.492.359	65.157.125	85.596.078	96.600.000	137.600.000
Industrializados	11.801.307	18.193.878	23.608.617	29.350.930	36.059.168	37.500.000	44.100.000
Em Desenvolvimento	4.576.917	9.335.375	22.883.742	35.806.195	49.536.910	59.100.000	93.500.000
% Produção Mundial							
Industrializados	72,1%	66,1%	50,8%	45,0%	42,1%	38,8%	32,0%
Em Desenvolvimento	27,9%	33,9%	49,2%	55,0%	57,9%	61,2%	68,0%

Excepcionalmente bem elaboradas, as projeções da FAO são naturalmente projeções, e já em 2004 fica fácil verificar que talvez os números de 2010, previstos para os países em desenvolvimento e em transição, serão superados. Ficava bem menos fácil sabê-lo em 1997 e isso coloca em destaque o quão útil e válidas são as projeções de planejamento estratégico.

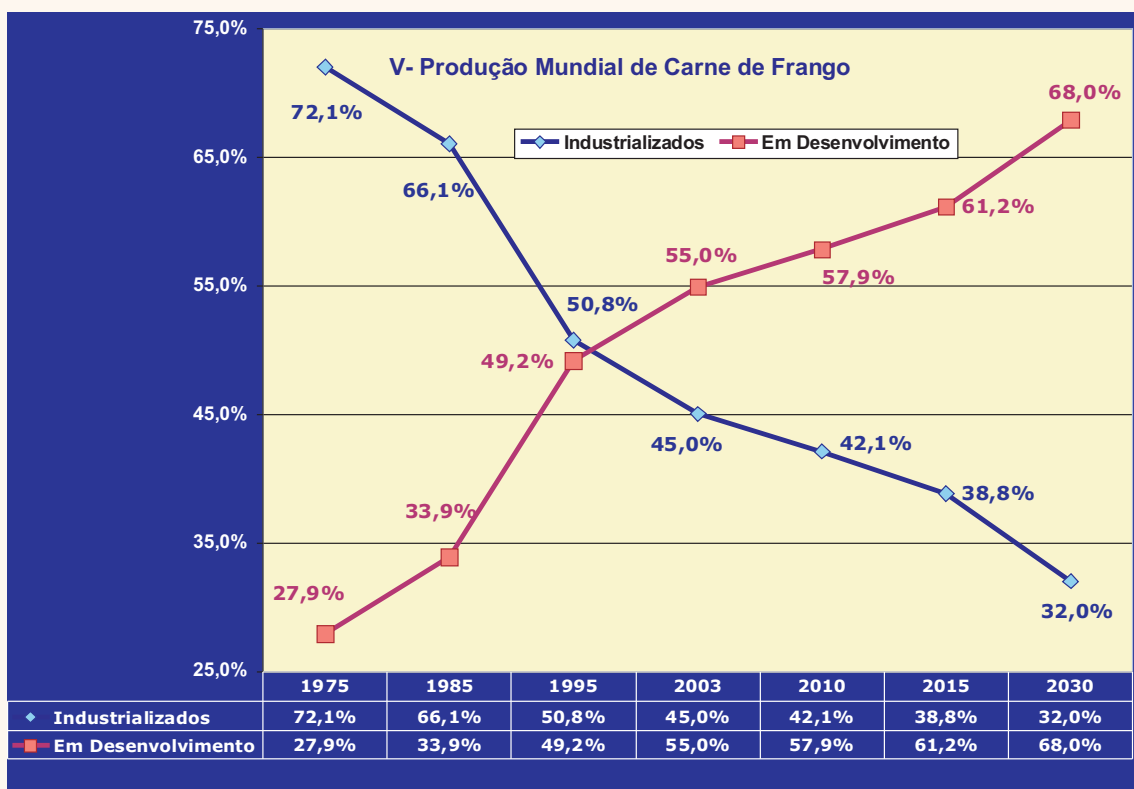
Habitualmente, quando digo a executivos de uma empresa cliente que vamos estudar e descrever o que acontecerá no setor deles dentro de 10 anos, há consenso em dizer que é impossível. Quando digo que além de fazer cenários futuros, vamos quantificá-los e datá-los, formam consenso sobre a imbecilidade do exercício. Uma vez com números em uma planilha, tornam-se especialistas em criticá-los e apontar erros, o que resulta num aprimoramento constante das projeções e a formação da cultura da mensuração do mapa do percurso com o efetivo percurso do mapa. É isso que se quer e é por isso que se torna fácil identificar números cuja realidade superou o projetado.

Graficamente representa-se que a partir desta década a curva de crescimento da produção de aves no mundo coincide com a dos países em desenvolvimento.



Fonte: Autor a partir de dados da FAOSTAT

E que a carne de aves no mundo será mais e mais produzida nas nações em desenvolvimento.



Em menos de 30 anos, o mapa mundi avícola mudou a favor das nações em desenvolvimento e tanto as projeções da FAO quanto do USDA indicam que essa tendência continuará nos próximos 20 anos.

É evidente que esta tendência não é de aplicabilidade linear quando consideramos a produção por países, revelando que os Estados Unidos mantém em 2003 praticamente o mesmo percentual que dispunha em 1975. As projeções indicam que o país seguirá sendo o primeiro produtor mundial de frango por, no mínimo, mais uma década.

No comparativo abaixo, verifica-se que a grande redução de participação em termos de produção verificou-se entre os países desenvolvidos na Europa Ocidental e Japão, o que novamente se confirma nas projeções futuras.

VI- Principais Países Produtores

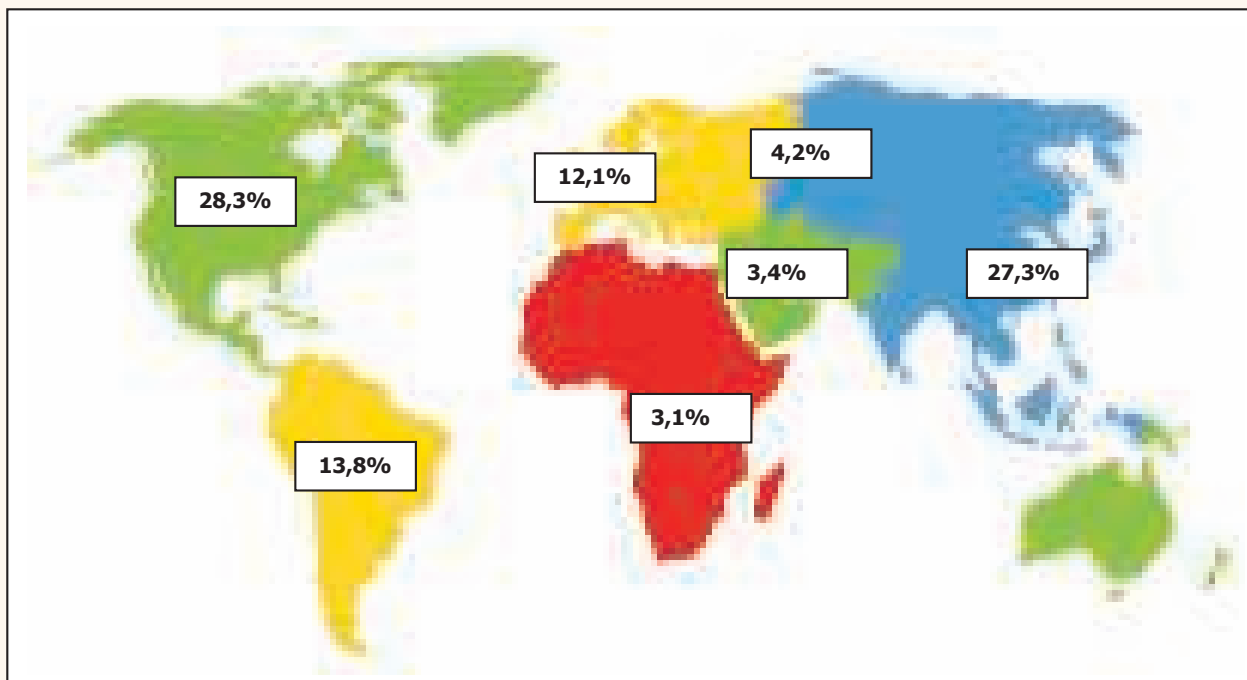
Principais Produtores de Carne de Frango em 1975 e 2003						
Rank	1975	tm	% total mundial	2003	% total mundial	Rank
1	USA	3.911.000	23,9%	15.003.000	23,0%	1
2	Europa Ocidental	3.726.739	22,8%	6.572.260	10,1%	4
3	USSR*	1.525.000	9,3%	1.000.000	1,5%	9
4	China	846.388	5,2%	9.770.580	15,0%	2
5	Japão	739.873	4,5%	1.218.000	1,9%	8
6	Brasil	534.000	3,3%	7.180.000	11,0%	3
7	Canadá	313.542	1,9%	938.000	1,4%	10
8	México	269.162	1,6%	2.135.000	3,3%	5
9	Tailândia	253.000	1,5%	1.320.000	2,0%	7
10	Austrália	179.695	1,1%	689.826	1,1%	13
11	África do Sul	170.492	1,0%	847.599	1,3%	12
12	Índia	88.020	0,5%	1.440.000	2,2%	6
13	Argentina	26.653	0,2%	931.500	1,4%	11
	Outros	12.957.399	79,1%	38.686.620	59,4%	
	Mundo	16.378.224		65.157.125		

Fonte: Feito pelo autor com base em dados da FAOSTAT (*dados de 2003 referem-se à Rússia)

Revela ainda que o grande boom avícola dos países em desenvolvimento ocorreu nos números quase mágicos da China e do Brasil, merecendo ainda viva atenção, pelo ritmo de expansão, a Argentina, a Índia e o México.

Nesse passo, no ano 2010, o mapa mundi da produção do frango colocaria a América do Norte como principal produtora, seguida da Ásia e da América do Sul, levando a produção da CEE a um 12,1% do total mundial, o que asseguraria à região, outrora maior pólo produtor mundial, uma situação de equilíbrio com seu consumo. Essas projeções da FAO, contidas em um trabalho brilhante de 2001, contavam com um curso normal de desenvolvimento, sem o surto asiático da influenza aviária.

VI Mapa Mundi da Produção de Carne de Frango – Ano 2010



Dadas as dificuldades de controle do surto de influenza aviária, alguém me perguntou se isso significaria que no futuro a Ásia estaria condenada a reduzir sua avicultura a números simples e pouco expressivos. Pensar em uma Ásia sem uma avicultura de expressão é inconcebível do ponto de vista social e econômico. A Ásia, se não lograr superar o surto, deverá aprender a conviver com a influenza aviária como endemia, e o mundo terá que se adaptar a essa realidade.

Os grandes impactos do surto serão sentidos no mapeamento do comércio internacional da carne de aves, onde até bem pouco tempo prognosticava-se um mercado dominado no futuro pela oferta dos Estados Unidos, Brasil, China e Tailândia.

Se na geografia da produção há grandes transformações, nos fluxos comerciais elas são ainda mais notáveis. A tabela apresentada a seguir mostra a evolução das exportações num passeio que aborda as posições dos principais países exportadores em 1975, 1985, 1995 e 2002, baseada em dados da FAOSTAT.

Resisti à tentação de apresentar dados do USDA que nos dariam uma visão do ano 2003 e 2004 pelo fato de que a FAOSTAT apresenta dados muito mais abrangentes cerca de 160 países. Espero que até o momento da apresentação deste trabalho, em maio de 2004, já estejam disponíveis as estatísticas da FAO relativas a 2003, que terão o mérito da atualização, mas não de contradizer a tendência e a confirmação dos Estados Unidos e Brasil como as grandes potências exportadoras.

Utilizei o critério dos 27 principais países para que pudéssemos apreciar a trajetória da Tailândia, que parte desta posição em 1975 para lograr o podium em 2002/2003, sobretudo se neutralizarmos nas estatísticas as operações intra-CEE e as de re-exportação via Hong Kong.

O quadro abaixo apresenta também aspectos interessantes, como as exportações dos países do Oriente Médio, mormente Arábia Saudita e UAE, a Lituânia surgindo como plataforma re-exportadora, o Irã e o consistente crescimento da Argentina, este com tudo para se perpetuar.

VII - Principais Países Exportadores de Carne de Frango em tm

Exports - Qtd (Mt)		1975	Exports - Qtd (Mt)		1985	Exports - Qtd (Mt)		1995	Exports - Qtd (Mt)		2002	
Mundo		675.258	Mundo		1.450.993	Mundo		4.554.243	Mundo		7.302.879	
1	Holanda	203.541	30,1%	França	278.772	19,2%	USA	1.811.954	39,8%	USA	2.335.881	32,0%
2	Hungria	105.164	15,6%	Brasil	277.507	19,1%	Brasil	428.988	9,4%	Brasil	1.599.923	21,9%
3	França	79.239	11,7%	USA	198.093	13,7%	Holanda	381.471	8,4%	Holanda	619.687	8,5%
4	USA	66.175	9,8%	Holanda	186.995	12,9%	Hong Kong	319.937	7,0%	Hong Kong	552.805	7,6%
5	Dinamarca	53.093	7,9%	Hungria	158.244	10,9%	China	258.366	5,7%	França	373.326	5,1%
6	China	34.556	5,1%	Dinamarca	54.471	3,8%	Bélgica-Luxemburgo	153.302	3,4%	Tailândia	330.381	4,5%
7	Bulgária	28.828	4,0%	Bélgica-Luxemburgo	30.586	2,1%	Tailândia	149.995	3,3%	Bélgica-Luxemburgo	306.931	4,2%
8	Polónia	23.166	3,4%	Bulgária	30.263	2,1%	Reino Unido	87.637	1,9%	China	288.125	3,9%
9	Bélgica-Luxemburgo	17.179	2,5%	Yugoslávia	28.771	2,0%	Hungria	60.714	1,3%	Reino Unido	153.488	2,1%
10	Roménia	12.464	1,8%	Alemanha	19.209	1,3%	Alemanha	57.836	1,3%	Alemanha	144.312	2,0%
11	Alemanha	9.874	1,5%	Reino Unido	14.491	1,0%	França	47.955	1,1%	Dinamarca	115.275	1,6%
12	Tchecoslováquia	8.548	1,3%	Polónia	14.418	1,0%	Canadá	39.785	0,9%	Canadá	83.017	1,1%
13	Canadá	6.267	0,9%	China	12.579	0,9%	Itália	30.361	0,7%	Itália	55.322	0,8%
14	Austrália	4.102	0,6%	Itália	5.184	0,4%	Espanha	17.445	0,4%	Espanha	44.997	0,6%
15	Espanha	3.755	0,6%	Venezuela	5.115	0,4%	UAE	16.251	0,4%	Argentina	27.389	0,4%
16	Brasil	3.469	0,5%	Turquia	4.984	0,3%	Dinamarca	10.154	0,2%	Irlanda	21.737	0,3%
17	Japão	3.274	0,5%	Hong Kong	4.636	0,3%	Eslovénia	9.532	0,2%	Chile	17.652	0,2%
18	Israel	2.114	0,3%	Tailândia	4.401	0,3%	Arábia Saudita	8.863	0,2%	Austrália	16.853	0,2%
19	Singapura	1.484	0,2%	Canadá	3.118	0,2%	Irlanda	8.779	0,2%	UAE	13.829	0,2%
20	Irlanda	1.279	0,2%	Japão	2.838	0,2%	Bulgária	8.412	0,2%	Lituânia	11.314	0,2%
21	Kuwait	912	0,1%	Espanha	2.215	0,2%	Suécia	8.105	0,2%	Polónia	10.718	0,1%
22	África do Sul	850	0,1%	Uruguai	1.943	0,1%	Austrália	7.519	0,2%	Austria	10.292	0,1%
23	Reino Unido	820	0,1%	África do Sul	1.637	0,1%	Singapura	7.263	0,2%	África do Sul	8.782	0,1%
24	Guatemala	745	0,1%	Suécia	1.429	0,1%	Portugal	7.259	0,2%	República Tcheca	8.592	0,1%
25	Itália	552	0,1%	Austrália	1.206	0,1%	Malásia	7.227	0,2%	Suécia	8.368	0,1%
26	Argentina	448	0,1%	Grécia	951	0,1%	Argentina	7.116	0,2%	Iran	8.273	0,1%
27	Tailândia	410	0,1%	Nova Zelândia	741	0,1%	Grécia	6.817	0,1%	Arábia Saudita	7.797	0,1%

Elaborado pelo autor a partir de dados da FAOSTAT

VIII - Principais Países Importadores de Carne de Frango em tm

Imports - Qtd (Mt)		1975	Imports - Qtd (Mt)		1985	Imports - Qtd (Mt)		1995	Imports - Qtd (Mt)		2002	
Mundo		616.904	Mundo		1.410.471	Mundo		4.226.504	Mundo		6.436.510	
	Alemanha	212.589	34,5%	Alemanha	158.399	11,2%	Rússia	825.406	19,5%	Rússia	1.205.493	18,7%
	USSR	48.274	7,8%	Arábia Saudita	151.841	10,8%	Hong Kong	647.148	15,3%	Hong Kong	735.443	11,4%
	Hong Kong	38.892	6,3%	USSR	141.156	10,0%	Japão	535.955	12,7%	Japão	524.446	8,1%
	Arábia Saudita	36.542	5,9%	Japão	100.455	7,1%	Arábia Saudita	262.779	6,2%	China	518.891	8,1%
	Suíça	21.835	3,5%	Hong Kong	70.561	5,0%	China	253.308	6,0%	Arábia Saudita	286.238	4,4%
	Iran	17.364	2,8%	Egito	60.738	4,3%	Alemanha	214.105	5,1%	Reino Unido	265.208	4,1%
	Jamaica	15.658	2,5%	Reino Unido	54.423	3,9%	Reino Unido	153.985	3,6%	México	247.232	3,8%
	Iraque	13.324	2,2%	UAE	39.801	2,8%	México	118.733	2,8%	Alemanha	243.825	3,8%
	Singapura	11.893	1,9%	Singapura	38.145	2,7%	UAE	99.587	2,4%	Holanda	151.833	2,4%
	Kuwait	11.708	1,9%	Suíça	32.376	2,3%	Holanda	87.541	2,1%	UAE	133.351	2,1%
	UAE	11.242	1,8%	Yemen	29.738	2,1%	França	69.379	1,6%	França	132.516	2,1%
	Itália	8.687	1,4%	Espanha	26.011	1,8%	Singapura	62.739	1,5%	Cuba	110.246	1,7%
	Espanha	8.519	1,4%	Jamaica	25.373	1,8%	Kuwait	54.692	1,3%	Canadá	103.832	1,6%
	Austria	8.464	1,4%	Oman	25.099	1,8%	Bélgica-Luxemburgo	51.843	1,2%	Coreia	91.306	1,4%
	Canadá	7.394	1,2%	Itália	22.931	1,6%	Espanha	44.799	1,1%	Bélgica-Luxemburgo	89.659	1,4%
	Reino Unido	6.125	1,0%	França	21.681	1,5%	Canadá	41.659	1,0%	Singapura	84.402	1,3%
	França	4.008	0,6%	Bélgica-Luxemburgo	20.513	1,5%	Oman	39.949	0,9%	Yemen	80.093	1,2%
	Guadalupe	3.652	0,6%	México	18.692	1,3%	Suíça	27.603	0,7%	Angola	77.849	1,2%
	Holanda	3.513	0,6%	Holanda	18.566	1,3%	África do Sul	27.601	0,7%	Roménia	75.541	1,2%
	Congo	3.491	0,6%	Polónia	18.322	1,3%	Polónia	24.471	0,6%	África do Sul	60.957	0,9%
	Antilhas Holandesas	3.239	0,5%	Qatar	11.984	0,8%	Roménia	24.054	0,6%	Ucrânia	60.738	0,9%
	Cuba	3.087	0,5%	Bahrain	10.121	0,7%	Grécia	22.445	0,5%	Kuwait	56.136	0,9%
	Egito	3.026	0,5%	Guadalupe	7.547	0,5%	Qatar	20.848	0,5%	Malásia	43.506	0,7%
	Barbados	2.816	0,5%	Polónia	7.473	0,5%	Argentina	19.837	0,5%	Benin	42.909	0,7%
	Qatar	2.447	0,4%	Martinique	6.926	0,5%	Yemen	17.787	0,4%	Grécia	26.887	0,4%
	Réunion	2.138	0,3%	Macau	5.963	0,4%	Macedónia	15.166	0,4%	Macedónia	26.827	0,4%
	Japão	2.063	0,3%	Reuniao	4.396	0,3%	Jamaica	14.789	0,3%	Albânia	27.496	0,4%

Elaborado pelo autor a partir de dados da FAOSTAT

As projeções futuras do comércio internacional de carne de aves, tanto da FAO quanto do USDA, permitem somente confirmar algumas tendências gerais, sendo arriscada a quantificação por países, sobretudo após o cataclismo recente da influenza aviária.

Assumirei como ainda válidas as projeções de crescimento da FAO para o mercado internacional e arriscarei virar co-vidraça com as quantificações de 2010, que visam simplesmente dar a dimensão do crescimento, ainda que a ritmo menos mágico que nas décadas passadas, que o setor de carnes de aves seguirá experimentando no horizonte de largo prazo.

Em suma, comércio internacional de carnes de aves é um setor promissor e faria essa afirmação como um alerta e um convite a uma maior profissionalização e aprimoramento de quadros para atuarem nesse setor, onde, como em quase todas as áreas, à exceção talvez de esportes e outra atividade que não me ocorre no momento, amadores raramente superam profissionais.

IX Projeção sobre os Fluxos Comerciais Internacionais de Carne de Aves

	IMPORTS						EXPORTS					
	And Base Período ¹	Projetado 2010	Ind. Crescimento 92-99 99-2010		Participação sobre total mundial		And Base Período ¹	Projetado 2010	Ind. Crescimento 92-99 99-2010		Participação sobre total mundial	
	(000 tm)		(% por ano)		% mundial		(000 tm)		(% por ano)		% mundial	
Mundo	6823.1	9197.0	15.9	2.8			6823.1	9199.3	15.9	2.8		
					And Base Período ¹	Projetado 2010					And Base Período ¹	Projetado 2010
Em desenvolvimento	3636.5	5254.8	14.5	3.4	53.3%	57.1%	2484.8	3837.0	16.0	4.0	36.4%	41.7%
AFRICA	188.7	330.4	9.2	5.2	2.8%	3.8%	3.2	28.1	16.7	22.0	0.0%	0.3%
AMÉRICA CENTRAL ²	352.9	628.7	13.4	5.4	5.2%	6.8%	13.3	12.0	14.6	-0.9	0.2%	0.1%
CARIBE	130.1	191.9	8.8	3.6	1.9%	2.1%	0.4	0.6	22.4	2.8	0.0%	0.0%
AMÉRICA DO SUL	171.0	219.7	6.5	2.3	2.5%	2.4%	854.7	1863.8	10.2	7.3	12.5%	20.3%
ASIA	2766.0	3868.1	16.5	3.0	40.5%	42.1%	1613.1	1931.0	20.5	1.6	23.6%	21.0%
ORIENTE MÉDIO	677.7	955.6	5.8	3.2	9.9%	10.4%	75.4	107.3	13.7	3.3	1.1%	1.2%
OCEANIA	29.7	40.6	2.0	2.9	0.4%	0.4%	0.1	1.5	7.6	27.6	0.0%	0.0%
Desenvolvidos	1306.8	1481.7	8.6	1.1	19.2%	16.1%	3793.8	4747.6	15.5	2.1	55.6%	51.6%
AMÉRICA DO NORTE ³	128.6	159.2	13.2	2.0	1.9%	1.7%	2716.5	3853.4	18.4	3.2	39.8%	41.9%
EUROPA OCIDENTAL	385.2	405.5	6.8	0.5	5.6%	4.4%	1038.2	899.8	10.1	-1.6	15.2%	9.5%
CEE (15)	339.8	356.9	7.7	0.4	5.0%	3.9%	1037.5	899.1	10.1	-1.6	15.2%	9.4%
OCEANIA	1.1	2.8	16.6	9.3	0.0%	0.0%	22.4	13.8	23.6	-4.3	0.3%	0.1%
OUTROS DESENV.	792.0	914.1	8.8	1.3	11.6%	9.9%	16.7	10.7	0.5	-4.0	0.2%	0.1%
Japão	703.6	830.3	8.1	1.5	10.3%	9.0%	3.6	3.6	-9.4	0.0	0.1%	0.0%
Economias em transição	1879.7	2460.4	30.7	2.5	27.5%	26.8%	544.5	614.8	18.0	1.1	8.0%	6.7%
EUROPA ORIENTAL	201.2	206.6	9.5	0.2	2.9%	2.2%	211.2	273.2	3.4	2.4	3.1%	3.0%
CIS	1399.5	1936.9	33.3	3.3	19.9%	21.1%	19.5	19.5	41.0	-0.1	0.3%	0.2%
Rússia	1185.4	1650.9	37.7	3.1	17.4%	18.0%	3.1	3.1	10.4	-0.1	0.0%	0.0%
Ucrânia	55.6	112.5	77.1	6.6	0.8%	1.2%	0.9	0.9	0.0	-0.1	0.0%	0.0%
BALTIC	319.1	317.0	123.3	-0.1	4.7%	-3.4%	313.6	322.1	108.4	0.2	4.6%	-3.5%

1 1998-2000 Análise

2 Método incluído como América Central pelos critérios da FAO

3 Não inclui o México

Independentemente do maior ou menor grau de acerto das quantificações futuras, há prognóstico sobre o qual creio que haverá consenso. Brasil e Estados Unidos são as grandes potências exportadoras avícolas e tudo indica que seguirão sendo no futuro, salvo situações de absoluta anormalidade.

Essa posição explica a concentração das exportações mundiais nas Américas que deterão pelo menos 2/3 das vendas mundiais. Entretanto, as Américas representarão, segundo os prognósticos da FAO, apenas 13% do comércio importador, assim como representaram meros 11,5% das compras mundiais na média de 1998-2000, período base considerado na tabela acima.

Esta situação não perdurará dentro de um quadro de uma ALCA, quando deveremos ter fluxos comerciais importantes intra-ALCA, o que provoca pelo menos algum desconforto em vários colegas latino-americanos. A ALCA ainda está distante e, até que se alcance sua concretização, muito desentendimento, antipatias pela idéia, passos para frente seguidos de passos para trás, pedidos de exceções para produtos e setores, negociações positivas e negativas, etc, passarão sob a ponte.

Entretanto, realisticamente a ALCA é inevitável. Em quanto tempo virá? Não sei, mas felizmente não sou o único, pois estou na boa companhia da maioria dos chanceleres americanos responsáveis por sua negociação. Será em 2005? Acho que não, a não ser que seja uma versão ultra-light, simplesmente para marcar um passo para a frente no processo de negociação. A única coisa que sei é que um dia a ALCA virá e as exceções acordadas nos processos de negociação um dia findarão.

Num dia, que não será em 2005, as Américas despertarão para uma realidade de que a partir daquela data cada nação do bloco poderá, em teoria, vender para a outra. Nesse dia irrelevante se ele levar 20 ou 30 anos para chegar o que são 20 ou 30 anos na história de um setor ou de um país? teremos que considerar que o nosso mercado tornou-se pan-americano, o que é ótimo, mas que a nossa competição tornou-se pan-americana, o que não é tão ótimo assim, já que todos nós sabemos que o que estragam os bons negócios chama-se concorrência. Ou será que não?

Há uma prece que o Senador Atílio Fontana carregava em sua carteira, abençoando seus concorrentes e que dizia: É sempre a concorrência que nos obriga a acordar mais cedo, a nos dedicarmos mais, a nos aperfeiçoarmos mais e sempre, a desenvolver todo o nosso potencial, a aprendermos sempre, a buscarmos cercar-nos dos melhores colaboradores, a pesquisar as

melhores técnicas, a nunca estar contentes, a investigarmos o que melhor pode satisfazer nossos clientes e nossos mercados, etc.

Em suma, se não fossem os nossos concorrentes a nos aborrecerem, ainda estaríamos tranqüilamente levando 60 dias para fazer um frango, que comeria 3,5 kg de ração para ganhar 1 kg de peso, com mortalidade de >10%, eclosão impressionante de quase 40%, e que venderíamos vivos em gaiolas ao consumidor por mais de USD 3,00/kg, tendo como clientela uma minoria que poderia pagar esse preço.

Essa concorrência que virá dentro de um quadro de ALCA traz no bojo dois dos principais exportadores mundiais, Brasil e Estados Unidos. Será então que quem não falar português ou inglês está condenado na avicultura da ALCA? Vou matar o suspense: a resposta é “não”.

Há várias coisas que as grandes aviculturas sabem fazer bem e nisso devem ser emuladas, mas acredito que ninguém conhece melhor um mercado de um determinado país do que um nacional que nele se criou. A força maior de defesa de cada avicultura nacional latino-americana reside no conhecimento do terreno. É por isso que sou otimista em minhas conclusões de que há espaço e formas de enfrentar grandes potências e, em alguns casos, até lhes ensinar um truque ou dois.

As grandes organizações têm o mérito de serem grandes e a inconveniência de serem grandes. Algumas ainda se comportam como transatlântico, sólido e impressionante, mas com uma lentidão enorme em fazer as curvas e mudar de rumo com a velocidade que um campo minado exige.

Não será o grande ou o pequeno que sobreviverá, mas o que melhor e mais rápido se adaptar a um meio ambiente hostil e permanente mutação.

É evidente que esse prognóstico positivo enfrentar os colossos produtores-exportadores com maximização do conhecimento do mercado e das necessidades do consumidor nacional - aplica-se aos que não pararem no tempo, aos que se preocuparem com aperfeiçoamento e tecnicização contínuos, aos que tiverem de olhos e ouvidos abertos ao que se passa no mundo e permeáveis a novas idéias e necessidades de reaprender valores quase em base diária.

Aos que não se adaptarem permanentemente e não se permeabilizarem ao novo que surge diariamente de um mercado globalizado e em permanente mutação, estejam em que país estiverem, estejam na atividade que estiverem, forem de que tamanho forem, não há necessidade de prognóstico, mas de diagnóstico terminal ou de relatório do patologista de gestão de negócios. Os que não estiverem prontos negocialmente a re-inventar suas empresas e suas formas de gestão na proporção das mudanças do mundo e do mercado não sobreviverão.

Quando nos preocupamos com a inevitabilidade histórico-evolutiva da abertura progressiva dos mercados e eliminação das barreiras, sonhando tribalmente que nosso mercado nacional estará protegido, estamos já nos candidatando a sermos ultrapassados e engolidos. Esse modelo de exclusividade e proteção morreu com a Companhia das Índias Ocidentais. Resta-nos, ao invés do saudosismo do século XVII, preparar-nos tendo como valor novo o acesso a conhecimento e aprendizado contínuo, no que Peter Senge¹ chama de “uma jornada infinita”.

No mundo do frango não é diferente, embora tudo seja diferente na avicultura, atividade onde, na medida em que os preços dos insumos sobem, o preço do frango cai e, conseqüente e logicamente, aumentam os alojamentos na medida em que o avicultor simplesmente não resiste a perder dinheiro. Temos raiva de ganhar dinheiro.

Nossa verdadeira arte de jamais ganhar dinheiro talvez se explique pela nossa ojeriza a planejamento, a dados e fatos, a saber o que se quer fazer, onde se quer chegar e como fazer para lá chegar. Ou talvez resida no tribalismo excessivo, na nossa total impossibilidade de imitar o “codeshare” das companhias aéreas e no fato de que estamos sempre individualmente certos e todas as bobagens são sempre feitas por nosso vizinho, jamais por nós.

¹Peter M.Senge, “The Fifth Discipline”, 1990